

**TOKIO!**



ANE FORCATO

# TOKIO!

VOL. 3

EM BUSCA  
DE LIBERDADE



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2022

Copyright © Ane Forcato, 2021

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.  
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de  
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL  
**Lilian Vaccaro**

COORDENAÇÃO EDITORIAL  
**Bianca Gulim**

ASSISTÊNCIA EDITORIAL  
**Raquel Escobar**

ANÁLISE CRÍTICA  
**Márcio Zanini**

PRODUÇÃO GRÁFICA  
**Giovanna Vaccaro**

CAPA  
**Henrique Morais**

DIAGRAMAÇÃO  
**Michael Vasconcelos**

DADOS  
INTERNACIONAIS  
DE CATALOGAÇÃO  
NA PUBLICAÇÃO  
(CIP)

Forcato, Ane.

Tokio! / Ane Forcato. – 1ª edição – São Paulo: Coerência, 2022

ISBN: 978-65-89850-46-5

1. Ficção brasileira 2. Romance 3. Drama I. Título

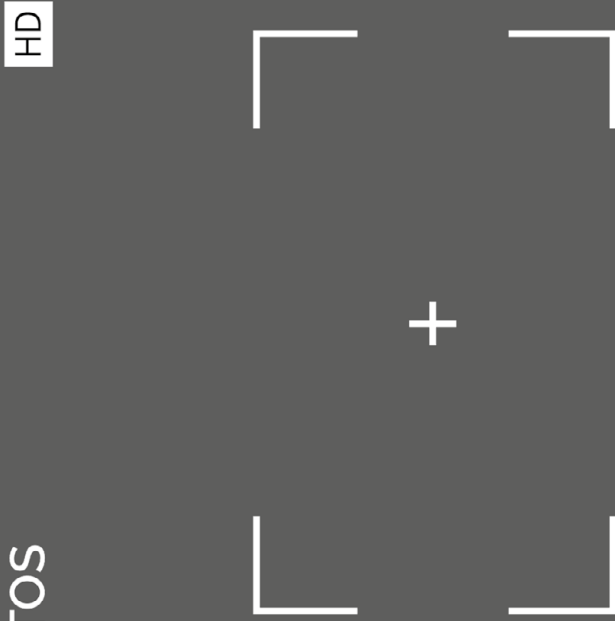
CDD: 869.3



Rua Coronel Leme, 43  
Centro | Bragança Paulista | SP  
12.900-340  
[www.editoracoerencia.com.br](http://www.editoracoerencia.com.br)

Para o “Pequeno Príncipe” Lucius  
e a “Raposinha” Júlia.

● AGRADECIMENTOS



HD 4K 25FPS



99%

00:00:20:05

MENU ≡

**G**ratidão a Deus por ter alcançado esta vitória.

Agradeço aos leitores que me incentivaram até eu concluir esta série. Agora acabou! (Será...?)

Agradeço ao Grupo Editorial Coerência.





Ela colhe a maçã perfeita, dá uma polida nela contra a malha da camiseta e a cheira. A primeira mordida é sem muito cuidado, na pressa de sorver o sabor e o sumo. Depois a observa num jogo de sedução. Tudo ao seu redor é sedutor. O cheiro da chuva se aproxima nas rajadas de vento, o céu rapidamente escurecendo.

Sentando-se ao pé da macieira, ela morde a fruta e fecha os olhos. De repente, sente uma presença. Olha para o lado e se depara com um par de tênis. Sorri, tentando adivinhar qual amigo da fazenda foi salvá-la da tempestade.

A ventania bagunça seus cabelos, e ela vai erguendo o rosto na direção das nuvens emboladas, e lá está o rosto da morte a olhando de volta.

Seu sorriso desaparece.

O assassino a agarra com um golpe rápido.



As pupilas de Emi se dilatam, sua pele se arrepia. Sensações físicas, químicas, e sua respiração fica mais intensa já no elevador, quando Suiroshi cola o corpo atrás do dela na descida até a garagem. Ela adora sentir esse contato, que se pretende casual, mas ambos sabem que estão se instigando. Eles entram no pequeno Smart, e ela não acende as lanternas nem dá a partida. A luz da manhã não entra no estacionamento, e em segundos as lâmpadas que captaram seus movimentos se apagam. Ficam no escuro.

Nesta manhã ela vai levar Suiroshi até a horta na Aclimação e depois voltará para a Mooca, ainda a tempo de não se atrasar na empresa. Estão fora do horário, os vizinhos ainda não começaram a pegar seus carros. Ela tem tudo cronometrado, mas também finge casualidade, procurando alguma coisa na bolsa pelo tato.

Ela então o encara; e ele, absorto, conecta um *pen drive* para ouvir suas coleções de músicas baixadas do YouTube. A trilha sonora de RPG entra em cena, com doses de drama e aventura. É perfeita.

Emi suspira olhando para ele, vendo os cabelos pretos e lisos caídos sobre o *rosto asiático mais bonito de alguns anos atrás*. Ele, distraído, e ela, excitada, numa sensação deliciosa que quer que perdesse ao mesmo tempo que deseja ser saciada logo ou vai perder o juízo.

Os acontecimentos do mês anterior foram decisivos para fazer deles esse algo mais, elevando o que já era tão forte a um novo patamar. Um novembro acelerado, quase capotando, como tudo que fazem juntos, sem tempo a perder. A única verdade é que hoje ela o ama ainda mais, por não ser mais o super-homem nem voar

pela cidade. E aqui, no mundo real, a maior delícia é exatamente esta: a beleza incomparável de serem pessoas comuns depois de ele perder os poderes e se tornar solidamente humano.

Tudo começou no primeiro dia, quando Suiroshi se mudou e trouxe tudo o que tinha. A perda de sua aura divina fora dolorosa para Emi, ainda que não tenha sido uma decepção propriamente dita. O castelo começou a ruir, e ele tinha acabado de pedir sua mão em casamento, ajoelhado e abraçando suas pernas. Emi o ajudou a se organizar e ficou espantada com a bolsa de remédios que ele tentou esconder em um canto do armário da cozinha. *Remédios ficam melhor no banheiro*, ela opinou diante de um Suiroshi sem graça. Ele explicou que, em geral, os tomava também à noite, e não queria atrapalhar o sono dela. E se tratava de uma coleção hipocondríaca de analgésicos muito fortes, desses que desabam o sujeito.

Só diante das tais drogas Emi se lembrou da condição que Suiroshi apresentava, de dores crônicas pela hipersensibilidade eletromagnética. Ela ficou chateada por não ter levado tão a sério. Na verdade nem se lembrava mais: havia parado de pensar nisso, pois achava que ele só sofresse no ambiente ultratecnológico do Japão. Agora se deparava com o que ele ministrava apenas para constatar que era a medicação de alguém com o pé na cova: alívio sem tratamento.

Foi o gatilho que mudou o seu espírito, e ela não poderia ficar sem agir. Não a Emi que resolve o mundo. Ela precisava resolver isso e se jogou na pesquisa, disposta a fazer o que fosse preciso. Porém, o pior ainda estava por vir, algo que a abalaria de forma irreversível.

Faltando um par de semanas para o casamento, numa noite Emi despertou sozinha na cama, sentindo frio. Já estava acostumada com aquele corpo quente enroscado no seu. A porta do quarto estava fechada, ela a abriu e saiu a perambular para se

deparar com Suiroshi encolhido no sofá, com o rosto afundado na almofada para abafar os grunhidos. Ele estava coberto de suor e alucinando de dor. E quando ela correu para a coleção de analgésicos, viu que não havia um único comprimido dentro da bolsa.

Ele já havia tomado tudo aquilo?!

Em prantos, ela ficou do lado dele, mas não podia tocá-lo, pois ele parecia sentir mais dor ainda com qualquer contato. Assim que saiu do próprio torpor, Emi procurou o aplicativo de uma farmácia vinte e quatro horas e encomendou um lote das drogas que podiam ser compradas sem receita médica. Cada minuto esperando pela encomenda demorou demais a passar. E por fim algo nela se quebrou quando presenciou as mãos trêmulas de Suiroshi ajeitando um punhado daquilo para jogar na boca e mandar para baixo com um copo de água. Qual seria a condição de seus órgãos internos no trabalho de digerir aquilo tudo? Foi o momento em que Emi pensou que seu noivo podia estar morrendo. Em tempo recorde, ele morreria de câncer pela captação de radiação, que, no caso dele, era avassaladora, e unida à captação de tantas substâncias químicas em punhados de pastilhas.

O seu amor, com aquela cara de menino bagunceiro, vivia um pesadelo com que nem em mil anos ela poderia sonhar.

Suiroshi não tinha escondido isso dela, mas ela não havia desenhado o quadro naquelas cores. Ela via com algum romantismo o fato de ele ter os canais energéticos abertos para receber a energia do universo e a canalizar nas mãos em forma de cura. Os canais abertos que também recebiam a carga de radiação do ambiente. Ele era um buraco negro em vez de um anime! Emi agora sabia que a realidade era horrível e só pensava em como revertê-la, tornando-se obcecada nos próximos dias, chegando a negligenciar o trabalho, deixando tudo em segundo plano, e procurando uma saída.

Às vezes, Emi ainda sente um baque ao cair em si de que esse homem único está na sua frente e que não é algo passageiro ou

aleatório. Ele é seu, de corpo e alma, para sempre. E ela o olha meio insistente; ele ainda distraído a acompanhar o ritmo da música com a cabeça. É verdade que uma pessoa normal não é capaz de sentir toda essa carga de desejo. Mas ela não é uma pessoa normal, ela é uma mulher grávida com hormônios jamais imaginados agindo sobre sua razão. Ao seu lado está o macho que lhe pertence e cuja semente se desenvolve nela, e isso é enlouquecedor.

Ela só sentiu medo no começo, quando pedia que, fosse como fosse, apenas perdurasse. Seria injusto pensar em Suiroshi Takeda como um homem bonito quando ele transcende quase de forma divina. Seu anjo que morre aos poucos.

Emi não coloca o cinto de segurança, sente um ardume quase prazeroso nos olhos e os sente úmidos com a lembrança. Quando o dia amanheceu após a crise daquela noite, eles estavam cansados emocionalmente e tinham seus compromissos. Passaram alguns dias evitando um confronto. Suiroshi tinha vergonha, como se fosse sua culpa o fato de ser tão fraco. É como se ele fosse um ser vivo descascado, com todos os nervos expostos. A proteção divina criada para o ser humano poder viver havia sido removida por ele de forma consciente: a hipersensibilidade eletromagnética que o devastava com dores, queimações, náuseas, espasmos e o deixavam imprestável era, antes de tudo, o efeito colateral de ele ter aberto a canalização energética que o tornava um “super-herói”. Para que o fluxo de energia corresse por seu corpo e agisse em forma de cura para os outros, ele mesmo devia viver doente de forma permanente.

— Eu não vou permitir isso, Sr. Takeda — ela falou, resoluta.

Suiroshi não esperava que ela estivesse empenhada com tamanha garra no assunto até que, resplandecente no dia do casamento, logo após o *sim* público, ela disse ao seu ouvido:

— Encontrei a cura.

Assim, no meio da festa.

A inquietação de Emi o “desperta”, e ele a encara. Suiroshi sorri de lado, falando com a voz que ainda está rouca da manhã:

— Já está pensando nisso, Mimi?

— Existe outra coisa para se pensar? — Ela rebate com a voz tão rouca quanto a dele.

— Aqui dentro? Será que cabe?

Ele arregala os olhos e ela ri baixinho, oferecendo um preservativo de sabor morango para ele e levantando a saia rodada e curta.

— Já vim sem calcinha.

Ao aviso, Suiroshi a puxa para si, ambos se espremendo dentro do pequeno carro, mas conseguindo se entregar um ao outro com paixão e trilha sonora.

Suiroshi a adora sem reservas. Agora que moram na mesma casa e dormem na mesma cama, tudo só fica mais intenso, pois os segredos se acabaram e ela salvou sua vida. Ele nunca esquecerá, nem se viver mil anos.

Eles se olham nos olhos na penumbra atenuada pela luminosidade do rádio no painel apenas, cada um à sua maneira relembando tantos acontecimentos. Abraçam-se e demoram um pouco para deixar o dia os levar para a luz e o sol lá fora. Ainda é tão cedo, podem curtir seus corações tamborilando um contra o outro, conversando em seus peitos.

Quando saíram da festa de núpcias, prosseguiram fazendo suspense sobre o lugar da lua de mel, e ninguém sabia seu destino. E uma semana mais tarde foi muita história para contar da lua de mel espetacular: estiveram em um hotel com spa ali mesmo, na Avenida Paulista! Terapias, massagens, alimentação saborosa e natural, muito relaxamento e descanso depois do mês tão louco de correria com preparativos, além de finalmente terem algumas noites de agitação na metrópole. Foi tão especial quanto teria sido uma mistura de Tailândia com Roma e Nova Iorque. A poucos quilômetros de casa, as fotos, filmagens e presentes *de viagem* fizeram o maior sucesso.

Durante o primeiro café da manhã no spa, Emi apertou a mão de Suiroshi sobre a mesa e se desculpou por tanto *detox*, afinal eles mereciam hambúrgueres. Suiroshi ainda imaginava que estavam ali por conselho médico, pois o início da gravidez estava um tanto instável e era fundamental ela estar perto de socorro imediato.

— Mas — ela lhe ofereceu o copo grande com o líquido verde-escuro — tenho um presente para você. O tratamento já começou, beba tudo.

Só então Suiroshi descobriu que era ele o foco dos cuidados. Não tinha dúvida de que podia depositar sua vida inteiramente nas mãos dela. Bebeu, sorriu e aguardou. Ali clinicava o terapeuta japonês que era o maior especialista do país e um dos mais aclamados do mundo. Ela o havia consultado, e ele era capaz de reverter o quadro da hipersensibilidade, e bem por isso não viajariam a nenhum outro lugar. Suiroshi se sentiu inquieto com a revelação, apesar de ter esperado tanto por ela. A *cura* estava em São Paulo e consistia em uma terapia para o selamento total dos canais energéticos; aconteceria de forma intensiva durante aquela semana. E tudo se acabaria.

E, nas palavras de Emi: *sem mais Rasengan*.<sup>1</sup>

— Eu não posso — Suiroshi falou com lágrimas escorrendo. Se ele aceitasse, estaria no limiar de quebrar seu elo com o Japão e com a lembrança de Ken, seu melhor amigo. Ele era um bom mestre, seu talento era real e até raro. Não podia deixar de ser o que era. Sem conseguir olhar para Emi, ele encolheu os ombros. — Eu posso curar. Como voltar atrás? Eu te curei, lembra?

Emi também estava chorando.

— Eu nunca vou me esquecer. E sei o quanto isso é precioso. Mas não vou ter um marido doente, gritando de dor a noite inteira.

1. Concentração da energia nas mãos. Extrapolação fictícia da ideia do Reiki. N.A.

A vida é feita de escolhas. Não está voltando atrás, aliás. Agora é que você está evoluindo, meu amor. Vida nova, uma vida real, com família, com filhos. Vai precisar viver para eles.

— Eu ouvi um plural? *Filhos?* Promete?

Conseguiram sorrir em meio ao choro. Emi tinha convicção de que ele não perderia sua essência. Ele era muito mais do que um curandeiro.

Ela olhou em volta, também com medo e dúvidas. E gritou, impotente. Ou Suiroshi selava os canais de energia ou seria consumido. Ele não soltava sua mão sobre a mesa.

— Você se casou com um mestre. Vai ficar bem voltando para casa com um *nerd* sem poderes? A cada dia eu perco mais do que sou. O que vai restar?

Sem palavras, em resposta Emi lhe ofereceu o sorriso mais bonito que ele já tinha visto, cheio de uma luz dourada. Luz que ele estava prestes a bloquear em sua percepção se dissesse *sim* à terapia. Era o momento da escolha. Poder ver e sentir o bem e o mal. Ou não ter mais a dor.

E eles voltaram para casa depois da melhor lua de mel que este mundo pode oferecer. Ela foi inesquecível pela metrópole cinza que seu amor enchia de cores.

— Foi nossa primeira vez dentro de um carro. Vou trabalhar o dia inteiro pensando em você, com essa cara de bobo, e todo mundo sabendo no que estou pensando.

Suiroshi suspira e se aconchega como pode no banco do carro e seu olhar se perde em devaneios, olhando sua mulher dirigir pela cidade, que mal desperta. Não pensa no passado nem no futuro, não sofre por marcas nem por antecipação. Eles são perfeitos hoje. E a vida é hoje.